



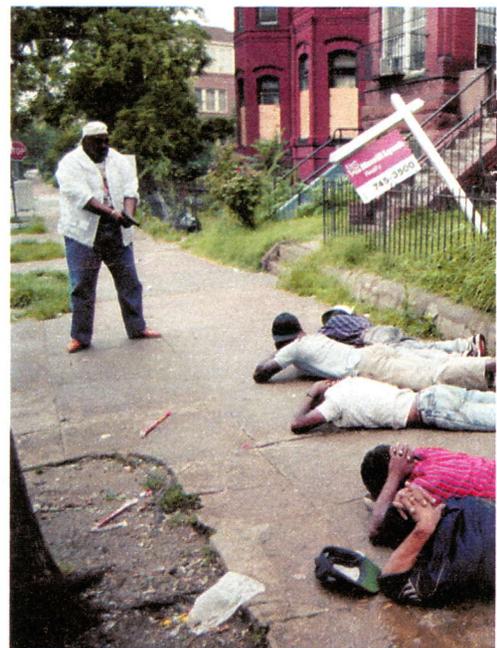
É PIOR DO QUE PA

A operação policial organizada para dismantelar a Cracolândia de São Paulo tornou visível um flagelo que hoje assola mais de 90% das cidades brasileiras

GIULIANA BERGAMO E KALLEO COURA

Durou quase vinte anos. No início dos anos 90, traficantes e usuários de crack de São Paulo começaram a se concentrar nas áreas do centro da cidade para, em grupos cada vez mais numerosos, proteger-se da polícia e ter acesso mais fácil à droga. Com o passar do tempo, foram ocupando as calçadas e as ruas, de maneira que, em algumas, os carros já não podiam circular: desviavam sua rota daquilo que ficou conhecido como Cracolândia, o território particular, escuro e indecifrável do crack. Há duas semanas, a Polícia Militar do estado deflagrou uma operação

para dispersar os viciados à força. A investida foi classificada de “precipitada” (os serviços de abrigo e tratamento para dependentes não estariam prontos para receber os usuários), “desastrosa” (ela teria simplesmente espalhado pela cidade os dependentes que antes se agrupavam em uma única região) e “errática” (na semana passada, os viciados já haviam voltado à Cracolândia sem que a polícia os molestasse). Se teve erros, o trabalho registrou ao menos dois acertos: o primeiro foi quebrar o domínio territorial dos traficantes, sem o que nenhum combate a drogas é bem-sucedido. O segundo foi que, ao produzir cenas estarrecedoras — como a de centenas de homens, mulheres

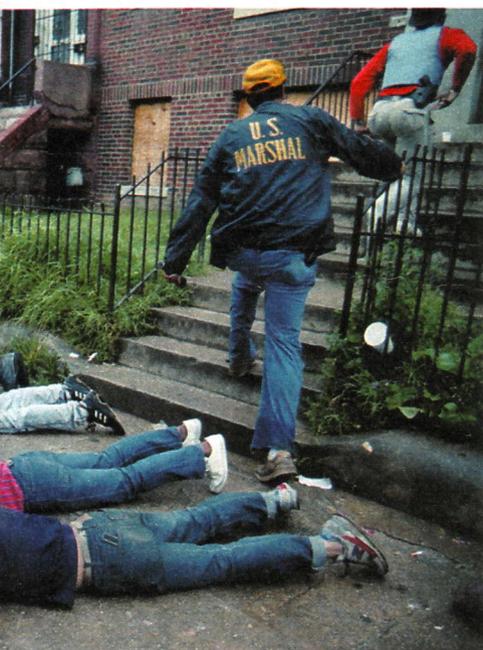




RECE

A MARCHA DOS ZUMBIS
Viciados que ocupavam a Cracolândia vagam pelas ruas do centro de São Paulo depois de ser dispersados pela polícia

ZANONE FRASSATI/OLHA PRESS



SCOTT APPLEWHITE/AP

e crianças vagando sem rumo pela cidade, olhos esgazeados e roupas em farrapos, depois de ser desalojados das ruas que ocupavam —, despertou a atenção do país para um problema que está longe de se limitar à capital paulista.

Um levantamento realizado no ano passado pela Confederação Nacional dos Municípios em 4430 das 5565 cidades brasileiras revelou que o crack é consumido em 91% delas. Cortadores de cana do interior de São Paulo adotaram a droga como “energético”. No Vale do Jequitinhonha e no norte de Minas Gerais, ela avança em ritmo de epidemia. Em Brasília de Minas, por exemplo, com 14000 habitantes, a prefeitura já mapeou

ESTRATÉGIA AMERICANA

A polícia fecha uma crack house nos Estados Unidos. Os traficantes são presos e os viciados internados

oito microrcolônias. Em Teresina, a capital do Piauí, 8000 viciados perambulam pelas ruas. Numa aldeia indígena de Dourados, em Mato Grosso do Sul, 10% das 2000 famílias têm ao menos um viciado em casa. A disseminação do crack não poupou nem a remota Amazônia, onde 86% dos municípios registram o consumo da droga.

Tamãha capacidade de penetração deve-se ao baixo preço do crack (5 reais a pedra) e à forma com que ele atua no organismo. Fumada, a pedra desprende um vapor com alta concentração de cloridrato de cocaína, o princípio ativo da droga. Essa substância libera no cérebro a dopamina, neurotransmissor responsável pela sensação de prazer. Com o crack, a descarga de dopamina no cérebro é duas vezes mais potente do que a causada pela cocaína aspirada. “Ele provoca tamanho caos na química cerebral que,

AS CRACOLÂNDIAS DO BRASIL

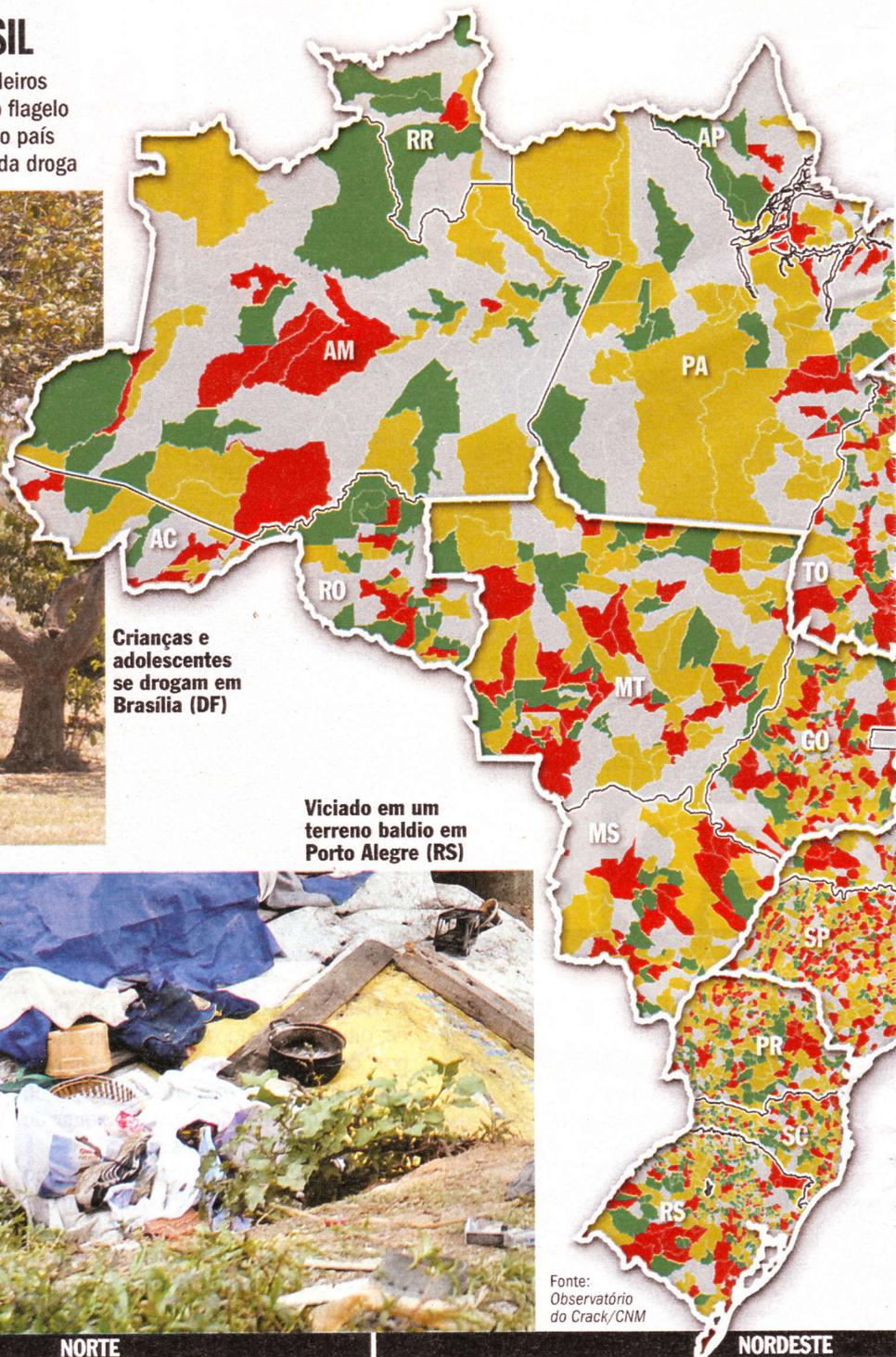
Dados coletados em 4 430 municípios brasileiros revelam que 91% das cidades sofrem com o flagelo do crack. Mesmo as regiões mais remotas do país não estão imunes aos efeitos devastadores da droga



Crianças e adolescentes se drogam em Brasília (DF)



Viciado em um terreno baldio em Porto Alegre (RS)

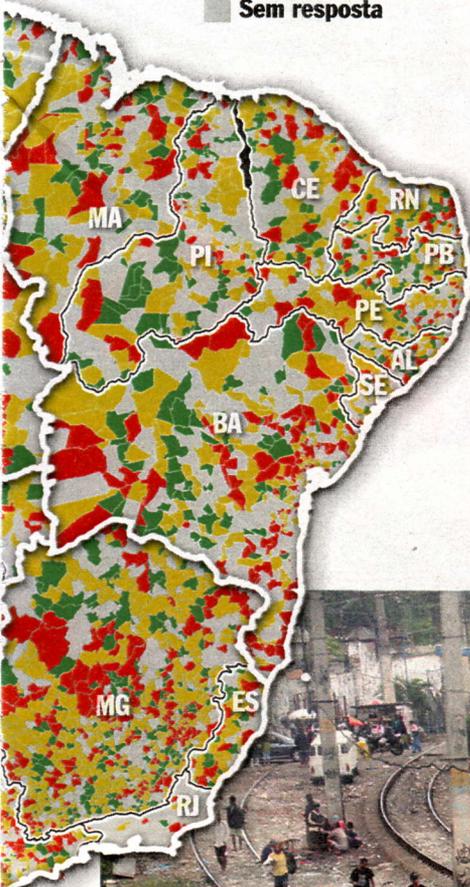


Fonte: Observatório do Crack/CNM

REGIÃO	NORTE							NORDESTE					
ESTADO	Acre	Amapá	Amazonas	Pará	Rondônia	Roraima	Tocantins	Alagoas	Bahia	Ceará	Maranhão	Paraíba	Pernambuco
MUNICÍPIOS NO ESTADO	22	16	62	143	52	15	139	102	417	184	217	223	185
MUNICÍPIOS PESQUISADOS	14	9	42	93	36	9	114	70	296	129	156	165	125
COM INCIDÊNCIA DE CRACK	12	7	35	82	34	7	96	64	273	122	134	139	115
PORCENTUAL DE CIDADES COM OCORRÊNCIA DE CRACK	86%							89%					

NÍVEL DE CONSUMO DO CRACK

- Alto
- Médio
- Baixo
- Sem resposta



depois de algumas semanas, o usuário está viciado. Ele busca a sensação que experimentou na primeira vez em que utilizou a droga e que nunca mais se repete”, diz o psiquiatra Ronaldo Laranjeira, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Quase todos os dependentes acabam desenvolvendo transtornos psiquiátricos, como depressão e ansiedade, e têm os sistemas respiratório e cardiovascular comprometidos. Em cinco anos, um terço deles morre.

O crack surgiu na década de 80, nas Bahamas, um dos principais entrepostos do tráfico de cocaína na rota rumo à América do Norte. Logo se espalhou pela periferia de cidades como Los Angeles, San Diego e Houston. Ao contrário do Brasil, onde os viciados sempre acendem seu cachimbo diante de policiais passivos, nos Estados Unidos as ruas nunca foram território livre para o consumo de drogas. Assim, para fumar, os usuários abrigavam-se em casas abandonadas. Transformadas em antros do vício, elas ficaram conhecidas como

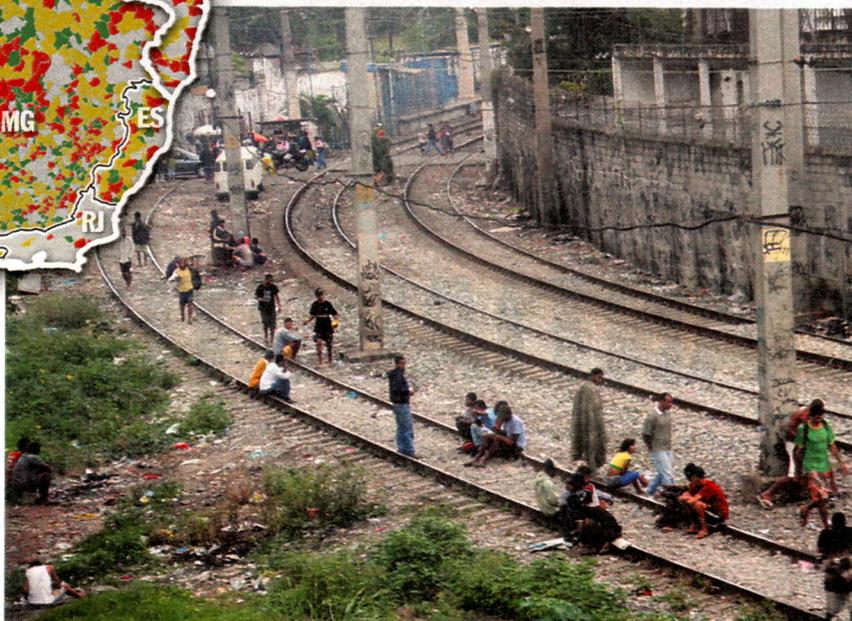
crack houses. Em 1988, 2,5 milhões de americanos já tinham consumido crack — e algumas das inevitáveis consequências disso apareciam na forma de estatísticas criminais. Um levantamento mostrou que, na cidade de Nova York, um terço dos homicídios cometidos naquele ano tinha relação com a droga.

Os Estados Unidos conseguiram debelar a epidemia de duas formas. A primeira consistiu em desmontar o esquema dos traficantes por meio do desmantelamento das crack houses. Agentes da polícia se infiltravam nesses locais, colhiam imagens de traficantes para ser usadas como provas nos inquéritos e terminavam invadindo os imóveis, que, em seguida, eram desapropriados pelo poder público.

A segunda estratégia, surgida em 1989 na Flórida e copiada por todos os estados americanos, foi a criação das drug courts, tribunais especializados em delitos relacionados ao uso de drogas. Por esse sistema, viciados flagrados com pequena quantidade de entorpecentes (até 28 gramas, no caso de crack ou cocaína) e que não tenham cometido crimes graves, como homicídio, podem escolher entre ser julgados da forma convencional ou ingressar num programa de tratamento oferecido pelo governo. Quem completa um ano de abstinência (de álcool, inclusive) tem a ficha criminal cancelada. Hoje, nove em cada dez americanos que optam pelo tratamento não cometem novos crimes ao longo do ano seguinte e 70% abandonam a criminalidade de vez. “O programa não só ajudou a recuperar os viciados como significou um duro golpe para os traficantes, que viram a demanda por sua mercadoria diminuir”, diz

David Kahn, ex-promotor de Justiça da Flórida. O tratamento médico inclui desde diversos tipos de terapia, como a cognitivo-comportamental e a de grupo, até internação.

Os Estados Unidos não varreram o crack do seu território, mas conseguiram diminuir drasticamente o seu consumo. No ano passado, 83 000 americanos passaram a usar a droga. Em 2002, foram 337 000. No Brasil, a luta mal começou. ■



Cracolândia sobre a linha férrea no bairro Jacarezinho, no Rio de Janeiro (RJ)

SUDESTE			SUL				CENTRO-OESTE					
Piauí	Rio Grande do Norte	Sergipe	Espírito Santo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	São Paulo	Paraná	Rio Grande do Sul	Santa Catarina	Goiás	Mato Grosso	Mato Grosso do Sul
224	167	75	78	853	92	645	399	496	293	246	141	78
152	121	49	63	752	17	556	349	452	275	206	112	68
128	108	44	60	703	11	519	324	406	239	187	105	60
			93%				90%			91%		